

Engajamento, aparência e significados: a performance de idosas brasileiras e espanholas*

Engagement, appearance, and meanings: the performance of Brazilian and Spanish elderly

Envolvimiento, apariencia y significados: la actuación de mujeres mayores de Brasil y España

Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: O artigo apresenta uma caracterização, e comparação etnográfica, sobre a relação entre engajamento social, construção da aparência e significados entre longevas brasileiras e espanholas, de baixas renda e escolaridade. Constatou-se mais semelhanças que diferenças entre os grupos. De modo geral, a aparência e seus significados eram organizados e relacionados de acordo com a ocasião, ambiente e agentes envolvidos. Concluiu-se que há uma interdependência entre engajamento social, aparência e significados.

Palavras-chave: Aparência; Engajamento social; Mulheres idosas.

* O artigo faz parte de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade de São Paulo, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O respectivo Programa recebe financiamento (Código 001) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

ABSTRACT: *The article presents an ethnographic characterization and comparison on the relationship between social engagement, appearance, and meanings among Brazilian and Spanish elderly women with low income and level of education. It was found more similarities than differences among the groups. In general, appearance and its meanings were organized and related according to the occasion, environment, and agents involved. It was concluded that there is an interdependence between social engagement, appearance, and meanings.*

Keywords: *Appearance; Social engagement; Elderly women.*

RESUMEN: *el artículo presenta una caracterización y comparación etnográfica acerca de la relación entre involucramiento social, construcción de la apariencia y significados entre mujeres mayores de Brasil y España, de bajos ingresos y escolaridad. Se notó más semejanzas que diferencias entre los grupos. De modo general, la apariencia y sus significados eran ordenados y relacionados según la ocasión, ambiente y agentes envueltos. Se concluyó que hay una interdependencia entre involucramiento social, apariencia y significados.*

Palabras-clave: *Apariencia; Involucramiento social; Mujeres mayores.*

Introdução

O objetivo do presente artigo é descrever as características presentes na relação entre engajamento social e construção da aparência, bem como os significados produzidos, entre idosas brasileiras e espanholas, no contexto de baixas renda e escolaridade.

Para Debert (2004), a velhice é uma construção sociocultural de caráter heterogêneo. Em diversas culturas, a concepção de velhice tem sido associada a variados fatores, sendo um dos principais na atualidade a idade cronológica – em especial, para a concessão de benefícios como pensões e aposentadorias – e também à classe social e força de trabalho. Nesse sentido, para boa parte dos países entendidos como desenvolvidos, convencionou-se iniciar legalmente a velhice aos 65 anos. Por outro lado, nas nações em desenvolvimento, esse marco etário pode ser antecipado, começando aos 60 anos ou menos, a depender do contexto sociopolítico e econômico vigentes, além da expectativa

de vida envolvida (World Health Organization, 2002). No Brasil o marco regulatório é o Estatuto do Idoso (Senado Federal do Brasil, 2003), que segue as recomendações internacionais.

Nas últimas décadas, em diversas regiões mundiais, a expectativa de vida ao nascer tem crescido (World Health Organization, 2016), sendo maior entre as mulheres (Neri, 2014). Esse cenário tem sinalizado não apenas um prolongamento da vida, mas também da velhice. Em outras palavras, considerando o critério etário, em várias localidades tem se vivido por mais tempo na velhice, constituindo-se muitas vezes um período de 30 anos ou mais.

Para Camarano (2013), o aumento da expectativa de vida tem se dado pela elaboração de suportes às condições, física e mental, da população. Ainda segundo a autora, o fato também se relaciona à maior participação do velho na sociedade e de respectivos ganhos socioculturais, como a possibilidade de realizar atividade econômica, a gratuidade nos transportes públicos e os descontos em atrações culturais e de lazer.

Segundo a política do envelhecimento ativo (Centro Internacional de Longevidade - Brasil, 2015) o prolongamento da vida estaria relacionado ainda à resiliência, esta construída por meio de cuidados de saúde, constante aprendizado, segurança e participação na vida comunitária. Em relação à participação, coloca-se que esta é proporcionada por meio do engajamento a causas sociais, cívicas, recreativas, culturais, intelectuais ou espirituais que venham a conferir significados à vida de uma pessoa e, assim, promovam um sentimento de realização e pertencimento.

No Brasil, atualmente, convive-se com diferentes recursos disponíveis para a participação social do idoso, tais como núcleos de convivência, Universidades Abertas à Terceira Idade, oportunidades de ação voluntária, entre outros. Apesar dos prejuízos sociais associados às mulheres velhas, são elas que têm ocupado de modo incisivo esses espaços. O fato ocorre não só por ser maioria na velhice, mas porque, com frequência, tais espaços ofertam atividades consideradas tradicionalmente femininas pelas atuais coortes de velhos. É comum a esses meios a intenção de proporcionar um ambiente de convívio e interação, fortalecendo a socialização na velhice (Debert, 2010).

Mesmo assim, Neri (2014) chama a atenção que, em termos de políticas sociais, sobretudo em países onde a desigualdade ainda prevalece, questões próprias da diversidade da velhice precisarão ainda coexistir com soluções estruturais, visando a combater a pobreza, desemprego e exclusão. Tais fatores configuram desafios e

demandas que a própria ciência, as políticas, os profissionais, as famílias e as diferentes gerações dos chamados idosos se encontram envolvidos.

Para Araújo (2013), para efeitos deste artigo, o termo engajamento social pode ser entendido como envolvimento em atividades sociais diversas e a interação com indivíduos, instituições e/ou coletivos, que proporcionem sentido e transformação. Considera-se que seu estabelecimento desempenha um papel importante ao longo da vida, uma vez que confere a sensação de pertencimento e a atribuição de significados e valores a uma pessoa e sua vida (Rubinho, 2014).

Embora o Centro Internacional de Longevidade (2015) indique que envolvimento (ou isolamento) social se relaciona à expectativa de vida em diferentes sociedades, pouco se sabe sobre como esse se organiza ao longo da vida. Em outras palavras, considerando ainda a extensão dos anos vividos na velhice, como tem se dado ou não o engajamento social dos mais velhos, em especial? E quais são as estratégias, sentidos e oportunidades de engajar-se na velhice em distintas culturas, comparativamente?

Em complemento a essas questões, também de acordo com a mesma instituição, aqueles que detêm de maior envolvimento na vida social, em geral, vem a ser as pessoas de melhor educação formal, alta renda, que usufruem de extensas redes sociais e de apoio. Nesse sentido, como se caracteriza o engajamento social entre os que não compõe este tipo de perfil? Ainda, segundo o referido centro, a vulnerabilidade, em diversos aspectos, é maior entre as pessoas de baixo nível de escolaridade, em que preponderam, com frequência, minorias raciais e culturais, imigrantes, deficientes, idosos e mulheres (Centro Internacional de Longevidade - Brasil, 2015).

No âmbito da sociologia das relações de poder, Elias e Scotson (2000) descrevem que as maneiras de inclusão ou exclusão social costumam ser estudadas através da estrutura de personalidade dos indivíduos. Para os autores, no entanto, as relações sociais e diferenciações figuradas por distintos grupos devem ser entendidas pela natureza das dinâmicas que estabelecem. Dessa forma, segundo eles, a relação estabelecidos-outsiders entre grupos sociais ocorre quando um estrato procura se estabelecer como superior mediante o firmamento de limites e características que os separem e diferenciem dos vistos como inferiores. Em outras palavras, a posição e o status do grupo superior existe a partir da delimitação de um inferior.

Assim, Elias e Scotson (2000) nomeiam como estabelecidos esse grupo de superioridade social que se mantém através do cultivo de tradições e da coesão em

questão de regras e comportamentos. Por outro lado, chamam de outsiders os indivíduos – não entendidos como grupo pelos estabelecidos – à margem do reconhecimento social por não desempenharem os preceitos de seus considerados como normativamente superiores. Ressalta-se que os então entendidos por outsiders não necessariamente se percebiam ou classificavam dessa forma. Esses tampouco almejavam seguir os modelos estabelecidos para pertencer aos grupos ditos superiores, fato que veio a conferir-lhes a exclusão na comunidade.

A velhice, enquanto segmento social, quando relacionada a significados socialmente negativos ou, ainda, forçosamente positivos, pode acabar sendo entendida a partir de uma concepção outsider. Se associados a marcadores de discriminação, tais como os relativos a questões de gênero, classe social, raça, renda ou escolaridade, podem conferir um status ainda menos favorecedor para o engajamento social nesse momento da vida.

Para Silva (2013), a moda tem parte importante na distinção entre os grupos considerados superiores e subalternos em uma sociedade e a diferenciação é sua engrenagem principal. A autora define o termo moda como “fenômeno social de mudança periódica das aparências provocada pela necessidade de diferenciação social” (p. 73). Assim, a moda, bem como a aparência de um indivíduo ou grupo, constituiriam meios de atribuir diferenças, significados e valores visíveis, utilizados na ordem e dinâmica social contratada e em curso – em outras palavras, condições para a sociodinâmica da estigmatização (Elias, & Scotson, 2000).

Simmel (2014)¹, em estudo filosófico sobre a moda, descreve que esta consiste em um movimento de imitação e distinção estabelecido entre um grupo considerado inferior, que imita, e outro superior, que busca constantemente distinguir-se dos inferiores e, assim, manter vigente ambos status. Lipovetsky (2009) também corrobora a dinâmica de imitação-distinção, afirmando que a moda nasce a partir desta relação e vem a constituir um instrumento de representação, afirmação e pretensão social, de forma que as classes superiores e inferiores estão em constante concorrência simbólica por prestígio.

Estudos exploratórios brasileiros que enfocaram idade, etnia, gênero e renda, ancorados no estudo da socióloga americana Diana Crane (2006), apontaram, em diferentes cenários culturais, para a relação entre engajamento social e construção da aparência e seus significados (Caio, 2012; Plens, Accioly, Batistoni, & Lopes, 2012;

¹ Originalmente publicado em: Reihe Moderne Zeitfragen, Hans Landsberg. (Org.), n.º 11, pp. 05-41, Berlin, 1905.

Picolli, Araújo, Graeff, & Lopes, 2012; Silva, 2015). As relações partem de trocas dinâmicas, simbólicas e espontâneas ocorridas no cotidiano, vistas como fonte de inspiração, informação, envolvimento e adequação. Assim, percebe-se que a aparência, possivelmente em diferentes idades e contextos, tem se configurado como possível recurso de engajamento em variadas ocasiões. Nesse sentido, para efeitos deste trabalho, entende-se aparência como apresentação social.

Método

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, do tipo exploratório e descritivo, baseado no método etnográfico proposto por Geertz (2008). Para tanto, foram utilizadas como técnicas de investigação a observação livre e participante, conversas informais, entrevistas em profundidade, documentação e registro fotográfico. Foi elaborado um roteiro semiestruturado de pesquisa composto por perguntas sobre a composição, organização e performance da aparência no cotidiano. Utilizou-se também um caderno de campo como suporte à execução das diferentes técnicas. Finalmente, para garantia do tratamento ético das informações coletadas, foi firmado com todas as participantes um termo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O ponto de saturação foi atendido.

Em relação às participantes, estas foram: 1) nove mulheres brasileiras e 11 espanholas, de 80 anos ou mais; 2) moradoras a maior parte da vida, respectivamente, nas cidades de São Paulo e Madrid; 3) participantes da vida comunitária; 4) donas de casa na velhice; 5) com renda familiar de até três salários mínimos, no caso do Brasil, e dois, na Espanha; 6) de baixa escolaridade, o que equivaleria ao ensino fundamental no Brasil e à educação primária na Espanha; e 7) sem comprometimento cognitivo, conforme relatado pelos técnicos provenientes das instituições parceiras. O estabelecimento de tais variáveis teve em vista dar um contorno compatível a ambos os grupos estudados, de forma a possibilitar uma comparação transcultural.

Durante a busca e contato com possíveis participantes, no Brasil contou-se com o apoio do Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG) e do Núcleo de Convivência para Idosos – Projeto Samuel Rangel. Na Espanha, contou-se com a colaboração da Universidade Complutense de Madrid, da Agencia Madrileña de Atención Social (AMAS), do Centro de Mayores Los Cármenes e da ONG Solidarios para el

Desarrollo. A coleta e tratamento dos dados espanhóis foram realizados por uma das autoras, fluente na língua. As ilustrações buscam explicitar os componentes simbólicos da construção da aparência.

Aparência por ocasião: a performance no público e no privado

Em ambas culturas, diariamente, as investigadas procuravam preparar suas aparências em acordo com o tipo de envolvimento e tarefas diárias: ir ao banco, ao mercado, buscar uma encomenda, ir ao núcleo de convivência, a uma consulta, a uma festa, entre outras ocasiões relativamente frequentes. Para tanto, depois de acordar, iniciavam seus rituais diários de cuidados com o que consideravam beleza, como lavar o rosto só com água, não usando sabonetes ou outros cosméticos – algumas diziam ser receita simples e antiga da mãe ou avó para ter a pele boa. Havia higiene bucal e, em alguns casos, também da prótese dentária. Algumas tinham o costume de tomar banho pela manhã e, no contexto do inverno espanhol, se banhavam dia sim, dia não, para fins de conservação da hidratação da cutis. Porém, nesses períodos, não deixavam de higienizar as partes íntimas e axilas todos os dias, evitando o que acreditavam ser maus odores.

Antes ou depois de tomar o café da manhã, procuravam escolher e separar as peças que iam vestir. Parte das investigadas disse considerar, além da agenda do dia, o humor com o qual despertavam. Nesse sentido, quando se sentiam tristes, por exemplo, optavam por combinações bem simples, com poucos acessórios e cores neutras ou escuras. Estando mais alegres, almejavam vestir roupas mais coloridas, alguma estampa, passar um batom ou mesmo blush, para dar um ar de saúde e contentamento.

Por outro lado, havia também as que gostavam de deixar o look separado com um dia de antecedência – algumas planejam por dois dias ou uma semana antes. Afinal, era preciso lavar, passar, verificar se não era necessário fazer algum reparo nas peças. Ou ainda, saber se tinha o que precisava, se não estava contando com algo que foi doado ou não servia mais. Às vezes, segundo elas, era melhor experimentar tudo antes e checar a adequação da combinação.

Em seu acervo pessoal, as participantes vinham buscando ter itens suficientes para usar nas distintas ocasiões de sua vida social, lembrando que em alguns eventos mais especiais, como casamentos, confraternizações ou formaturas, aprenderam que não é bom repetir roupa. Assim, tinham um pouco de cada categoria de itens que poderiam

necessitar: sapato para o dia a dia, de caminhar, de fazer ginástica, de sair para um lugar próximo, para de vez em quando em uma festa mais chique, sem faltar algum para ficar em casa. As roupas também eram orientadas pelas mesmas ocasiões, além de haver as fresquinhas para o calor, as pesadas de inverno, outras de meia-estação. Há algumas que distribuía seus itens por locais: uma parte para quando visitasse a família, uma para ir ao núcleo de convivência, outra para a igreja e assim por diante.

Independentemente da estratégia de composição do acervo, as investigadas falavam com frequência das exigências físicas que precisavam considerar ao preparar uma combinação, como carregar algo pesado ou caminhar bastante. Além disso, também buscavam demonstrar através da aparência consideração, respeito e dignidade. Em outras palavras, não fazer feio na frente dos outros e dizer a que veio. Como dito por uma das espanholas, que aprendeu em casa como se apresentar publicamente, quando indagada sobre a aparência ser importante:

“Muitíssimo, muitíssimo. Você vai em um lugar. Pode ter muito dinheiro. Está mal e logo entra onde tem que entrar. Está bem e tem as portas abertas. E logo quando tem que falar com alguém, nunca diga: “escuta, posso falar...” (tom de voz mais baixo, sem ânimo). “Bom dia, vim falar com o gerente do banco” (mais alegre). Como já entrando e dizendo: “estou aqui”. Porque se a sua conta tem dez e esse senhor tem milhões, você é o mesmo que esse senhor[...]. Vou diretamente ao que tenho que ir. Com educação, bom, o que seja. Logo me ocorre uma coisa: eu não tenho uma cultura, porque eu fui muito pouco à escola. Nem terminei os estudos. Mas, sim, tenho educação, [...] porque minha educação me foi dada em casa.”²

Conforme Scalco e Pinheiro-Machado (2010), notou-se que entre as classes mais baixas, discriminadas especialmente por sua condição financeira restrita, vestir-se bem é muito importante para minimizar preconceitos e alcançar o mesmo respeito dado a grupos entendidos como superiores. O estudo do Serviço de Proteção ao Crédito e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (2016), sobre significados da beleza e

² Todos os trechos literais provenientes das participantes espanholas foram traduzidos livremente por uma das autoras, fluente em espanhol.

motivos para investimento na aparência, indicou que, entre as pessoas investigadas, as de menor renda eram as que mais se preocupavam com seu modo de vestir e se apresentar.

Em suma, orbitando a relevância da ocasião na constelação interdependente (Elias, 1994) da construção da aparência das investigadas de ambos os países, encontrou-se o humor, o clima, o local e a capacidade funcional. No entanto, em geral, antes mesmo das funções e envolvimento a ser desempenhado, importava mais às participantes incorporar a suas aparências os valores de decência, naturalidade e feminilidade, os quais foram aprendidos ao longo da vida, especialmente com seus familiares na infância. Esses que a maioria tinha deixado curto (Painel 1), no máximo médio comprimento. As unhas das mãos costumavam ser feitas, toda semana, por muitas delas (Painel 2). Já a dos pés

Para estarem sempre preparadas e alinhadas com os preceitos pessoais, eram feitas visitas regulares a cabeleireiros e manicures, sendo que algumas profissionais atendem também em domicílio. Procuravam ir uma vez ao mês no salão de beleza aparar o cabelo, que a maioria tinha deixado curto (Painel 1), no máximo em médio comprimento.

Painel 1. Algumas das participantes adeptas do cabelo curto e branco



Fonte: Andrea Lopes, 2016

As unhas das mãos costumavam ser feitas, toda semana, por muitas delas (Painel 2). Já a dos pés tendiam a esperar até uma quinzena. Havia também as que não usavam esmaltes, por parecer uma rotina trabalhosa ou um trato que prejudica outras atividades mais significativas, como cozinhar ou amassar uma massa de pão para distribuir depois a amigos e familiares

Painel 2. Mãos de participantes que usavam e que não usavam esmalte com frequência



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

As que eram consumidoras assíduas de tais serviços de beleza, além da preocupação com o trato de mãos e cabelos, também demonstraram ter vínculo afetivo com os profissionais. Esses eram cabeleireiros oficiais de anos de atendimento e manicures amigas com quem falavam da vida enquanto pintavam as unhas. A fidelidade e reciprocidade marcaram o envolvimento. Uma das investigadas disse levar bolos e outros quitutes ao rapaz que cortava seu cabelo, o qual vinha da mesma cidade que ela e adorava receber os mimos. Outra participante disse que era tão próxima de sua manicure que, quando estava apertada com o dinheiro, ganhava desconto no tratamento ou pagava somente o que podia sem nenhum problema.

Dessa forma, notou-se que o contato e relação estabelecida com outras pessoas, sejam profissionais, familiares ou amigos, nas diferentes ocasiões em que transitam e se envolvem, eram narrados como motivação para continuar cuidando da própria aparência

e vice-versa. As participantes demonstraram contentamento em visitar não apenas cabeleireiros e manicures, mas também seus filhos, netos, irmãos, amigos do núcleo de convivência e outros, para os quais se preparavam, configurando-os como os eventos mais importantes e significativos de suas rotinas.

Algumas disseram usar de sua aparência para mostrar às pessoas com as quais se relacionavam, especialmente familiares e profissionais dos núcleos de convivência, que estavam bem, embora nem sempre fosse verdade. Relataram que receavam passar uma aparência de decadência e negatividade, fazendo com que filhos, amigos e outros se afastassem.

Uma das espanholas comentou que era constantemente cobrada pela filha quanto a apresentar-se bem e demonstrar positividade, para não parecer algo como uma velha presa a lembranças ruins do passado, como explicou a investigada. Outra participante brasileira disse, nesse sentido, que tinha muita cautela em seus comportamentos quando ia à casa dos filhos, então financeiramente superiores a ela, preferindo que eles a visitassem:

“Eu tenho um defeito comigo: dizem que o velho cheira mal. Todo o mundo fala. Dizem. Pelo menos é o que eu vejo falar. Dizem que tem velho que cheira mal. Que entra no banheiro, cheira mal. E eu, não que eu me enquadro nisso, porque, graças a Deus, eu sei que eu não sou essa, mas eu tenho medo de ter problema de urina. Você sabe, você estuda, sabe como é. Então, eu tenho medo que alguém fale que eu... que eu vou no banheiro e ficou com cheiro ruim. Então, eu não vou na casa de gente superior a mim. Nem na casa dos meus filhos. eu me sinto bem [...]. Muito chique, como é a casa dele (filho). Dessa outra minha filha que mora no Butantã, um apartamento chique. Então, eu não vou. Falo: ‘Vocês querem vir? Vocês venham aqui me ver’. Eu lá não vou.”.

Mesmo não se colocando à vontade para determinadas ocasiões, vistas como fora de seus contextos socioeconômicos, as idosas demonstraram viver bem com a própria condição, não querendo através da aparência, fomentar o desejo de estabelecer-se para além do que eram. Sendo colocadas ou não como *outsiders* por outros agentes sociais de seus círculos relacionais, tinham clareza do que as interessava e sobre como escolhiam

apresentar-se socialmente. Esse senso de autonomia ficou marcado e evidente ao longo de toda a pesquisa.

A própria casa, por exemplo, era vista pela maioria das investigadas como o lugar em que dispunham de maior conforto e privacidade. Como boa parte morava sozinha, esse espaço era considerado como um local em que a preocupação com a aparência podia ser menor. Mesmo as que ainda moravam com marido ou filhos, entendiam que a intimidade com esses companheiros possibilitava estar mais à vontade quanto a seu visual caseiro. Tal fato se relaciona ao descrito por Young, Gabriel e Schlager (2014), os quais colocam que o grau de intimidade nas relações pode influenciar a maneira como a aparência é preparada e avaliada.

Aparência e intimidade no ambiente privado: as roupas de ficar em casa

A aparência dita de ficar em casa costumava ser composta por uma roupa mais velha ou que se entendia imprópria para a rua ou em presença de alguma visita. As espanholas, no entanto, demonstraram que seus trajes domésticos eram peças que ainda tinham certa qualidade. Não estavam furadas, descosturadas ou remendadas, talvez somente estivessem um pouco desbotadas ou já muito usadas.

A exemplo, uma delas comentou sobre a roupa que estava usando em um dia de entrevista em sua residência: *“Bom, este suéter, antes eu usava para a rua, mas já tem tempo. Não está velho, mas, vamos, já não está. Este é para casa”*. Em explicação sobre a classificação das peças que usava como próprias para casa, disse: *“Olha, não sei. Não é que essa roupa que uso em casa esteja suja, mas não está adequada, sob meu ponto de vista, para sair à rua”*.

Em geral, as investigadas da Espanha procuravam não se vestir com o que lhes parecia feio ou desajeitado mesmo em seu lar. Entendiam que em casa era permitido arrumar-se de modo mais simples que para sair, mas não por isso deviam desarrumar-se. Afinal, como dito por uma delas, era essencial cuidar-se todos os dias, pois *“o corpo nota (os cuidados) como se fosse uma planta”*.

As brasileiras, por outro lado, não demonstraram muita preocupação com a questão, usando em geral pijamas, peças sem necessariamente estabelecer uma combinação ou significado, algo que não tinham pena de estragar, se fosse preciso. Para elas, a roupa de casa estava mais relacionada às funções de conforto, mobilidade para o

bom desempenho das tarefas do lar, estar aquecida e bem-abrigada ou, simplesmente, poder transpirar melhor. *“Porque às vezes a gente está com calor em casa, fica à vontade”*, como disse uma participante. Consideravam, assim, que combinações esteticamente harmoniosas não eram essenciais no ambiente privado.

Nesse sentido, algumas brasileiras ainda revelaram usar em casa peças que, às vezes, se contrapunham a suas ideias de decência e moralidade, uma vez que se encontram em ambiente privado: *“para você andar em casa, assim, essas camisetinhas (mais decotadas e de alcinha) não tem problema. Agora para ir para rua, assim, eu não aceito. Não, não gosto”*. No entanto, outra participante comentou a cobrança que recebe constantemente da filha em relação a sua aparência no âmbito doméstico: *“A senhora não tem outra roupa? Falei: ‘não interessa, eu quero essa... (Os filhos) comentam! Me xingam porque eu não uso (outras roupas melhores que disse possuir). Dentro de casa, tem dia que eu passo o dia todo de pijama”*.

Uma quase nonagenária brasileira, ao final de uma entrevista em sua casa, marcou sua frustração por não estar vestida com roupas que fossem mais adequadas, uma vez que considerou a pesquisa como algo muito importante. Mesmo assim, mostrou-se à vontade para posar em uma subseqüente sessão de fotos da mesma maneira que se apresentou desde o começo do encontro.

Em síntese, apesar da diferença quanto à composição da aparência no ambiente privado, tanto brasileiras quanto espanholas possuíam o costume de reservar as melhores peças e cuidados para sair de casa. Percebeu-se que, no contexto da vida pública, as participantes se preocupavam mais com suas aparências, pois esta era vista como importante para manutenção de seu envolvimento social e pertencimento aos grupos e espaços que frequentavam, algo pelo que prezavam muito.

Aparência para o público: as roupas de sair

A partir da menor preocupação em arrumar-se para o ambiente privado, notou-se que um dos principais motivos para o investimento na aparência para ambos os grupos era o sair de casa, independentemente da ocasião envolvida e do respectivo tipo de cuidado empreendido. Fora do ambiente doméstico, as investigadas utilizavam de seu aspecto pessoal para estar atrativas ou, no mínimo, respeitáveis a qualquer pessoa que viessem a encontrar, conhecida ou desconhecida. O receio, como aprendido por algumas

das espanholas: *“quando jovem, (arrumar-se), para agradar. E quando velha, para não assustar”*.

Assim, quando necessitavam sair e decidir sobre um sapato ou blusa, além de considerar, por exemplo, questões como o clima ou meio de transporte que seria utilizado, planejavam como iam lidar com diferentes públicos e situações, quase como uma corrida de obstáculos. No entanto, o cuidado para *“não assustar”*, por vezes, era tão exitoso que gerava, segundo algumas viúvas, um problema: paqueras.

De forma geral, todas as participantes que eram ou foram casadas utilizavam diariamente a aliança de casamento, como sinal de respeito e eterno compromisso com o marido. Porém, as viúvas, que não planejam casar-se novamente ou ter qualquer outro tipo de relação amorosa, disseram que também seguiam usando a aliança como escudo de cantadas e insinuações, que outrora foram recebidas de companheiros de trabalho, passageiros no ônibus e colegas do núcleo de convivência. Uma brasileira narrou, inclusive, que além de usar o anel de casamento, deixou de vestir calça *jeans* por um episódio desconcertante:

“É, ela (calça jeans) tem uns bolsos, uns bordados. Bem no dia que eu vesti ela, um cara ficou me enchendo o saco no ônibus. Eu não vesti mais ela. É, foi assim: eu entrei aqui, na praça, né? Aí, eu entrei, ele falou: ‘Senta aqui’. Eu falei: ‘não senhor, eu vou sentar lá atrás’. Sabe o que que ele fez? (Risos). Levantou e ficou em pé, lá na frente, olhando para mim. Aí, quando chegou lá onde eu desço, ele veio na porta. Eu falei: ‘Dá licença, que eu vou descer’. Aí, não sei o que que ele falou... Eu falei... ‘Ah, antes de eu passar, ele falou: ‘Ai’. Eu falei: ‘Tá cansado, tio?’. Ele falou: ‘Não, eu tenho é 30 anos em cada perna. Quer casar comigo?’ Eu falei: ‘Cai fora! Me respeita, rapaz!’ Mas o motorista deu tanta risada... E eu desci do ônibus e fui embora. Olha só. Estava com essa calça. Está lá, novinha, lá no guarda-roupa. Acho que agora eu vou levar para a viagem. Se eu cismar, eu visto.”

Tanto as brasileiras como as espanholas pensavam que, para uma senhora de 80 e poucos anos, um comportamento envolvendo sedução não caía bem. Dessa forma, procuravam alcançar através de sua aparência a respeitabilidade que desejavam, segundo os princípios morais aprendidos na infância, como o de que o casamento é sagrado e para

toda a vida e que uma mulher casada não deve se insinuar a outros homens, que não o marido. O valor em torno da noção de recato vinha permanecendo como guia por toda a vida.

Por outro lado, no caso das poucas participantes solteiras, estas também não buscavam valer-se de sua aparência para conseguir parceiros. Segundo elas, por desilusões anteriores, ou porque não combina com a idade avançada. Porém, tanto casadas, viúvas e solteiras não deixavam de expressar certa satisfação ao receberem elogios ou atenção de diferentes pessoas nas ruas, que não tinham medo em dividir um banquinho na praça e puxar conversa com elas. Nesse sentido, uma espanhola confessou se arrumar quando saía para caminhar sozinha, pensando em arranjar uma companhia para o percurso, alguém que iniciasse um papo com ela, a qual disse ser tímida.

Algumas investigadas acreditavam que era mais difícil engajar-se na velhice, pois além de familiares – e às vezes nem todos – os amigos que ficavam eram poucos: uns por falecimento, alguns por mudança de endereço, outros por enfermidades crônicas que os afastaram da vida social. Ou, ainda, por não estarem de acordo com o modo como os colegas encaram a velhice, modo este mais próximo do modelo de eterna juventude e terceira idade, como descreve Debert (2004).

No contexto da aparência, uma das espanholas comentou que perdeu amizades depois que começou a usar bengala. Disse que as amigas a repreendiam como se estivesse entregando-se a algo ruim. Viam o suporte como um símbolo pejorativo e, portanto, ficavam constrangidas em sua companhia. Assim, passaram a não convidá-la mais para cafés, caminhadas e outros passeios que realizavam regularmente, segundo o dito estilo *callejero* de Madrid.

O termo *callejero* é usado em Madrid para descrever as pessoas que gostam de estar na rua a comer e beber algo em boa companhia, passando o dito *buen rato*, traduzido por momento agradável. Em diversos estabelecimentos, como bares e restaurantes, notou-se que boa parte não tende à segmentação etária, como costuma ser feito em guias de lazer. Assim, abriga-se ao mesmo tempo um grupo de jovens universitários e casais idosos que saem para tomar uma cerveja, por exemplo. Em conversa com pessoas locais e especialistas, constatou-se que, realmente, em Madrid a privação desses espaços a certos grupos não costuma acontecer. Em outras palavras, um velho que entre em um bar repleto de jovens não é motivo de choque ou foco de atenção, segundo os informantes.

Entretanto, em saídas com a participante repreendida pelo uso da bengala, percebeu-se que, na verdade, existe certa segmentação. Era nos bairros que concentram mais idosos que se encontravam os lugares para comer e beber entre variadas gerações. Os idosos *callejeros*, em geral, não usavam bengalas e outros aparatos que dificultam o acesso a tais locais ou prejudicam sua imagem, uma vez que vistos com prejuízo. A investigada que usava bengala disse, inclusive, não ir mais a certos estabelecimentos em razão da má acessibilidade, o que lhe gerava constrangimentos.

Nesse contexto, Pin e Spini (2016) ressaltam a importância de proporcionar integração social, principalmente, entre idosos longevos. Estes, segundo os autores, tendem a não conseguir realizar certas atividades sociais em razão de suas limitações funcionais, o que ocasiona um alto risco de isolamento. Ainda de acordo com os pesquisadores, o envolvimento social reduz significativamente os problemas relacionados ao sentimento de solidão, como a depressão e o suicídio.

Uma das idosas espanholas que detém de certa dificuldade para andar disse que, ainda assim, se esforçava para sair de casa regularmente, indo à rua para caminhar, observar pessoas, encontrar amigos e vizinhos. Nos passeios, levava em seu andador documentos e itens para a aparência, como xale, tiara e protetor de ouvido, conforme demonstra a Figura 1, a seguir.

Figura 1. Cesto, que funciona como uma espécie de bolsa, incorporado ao andador de uma das participantes espanholas



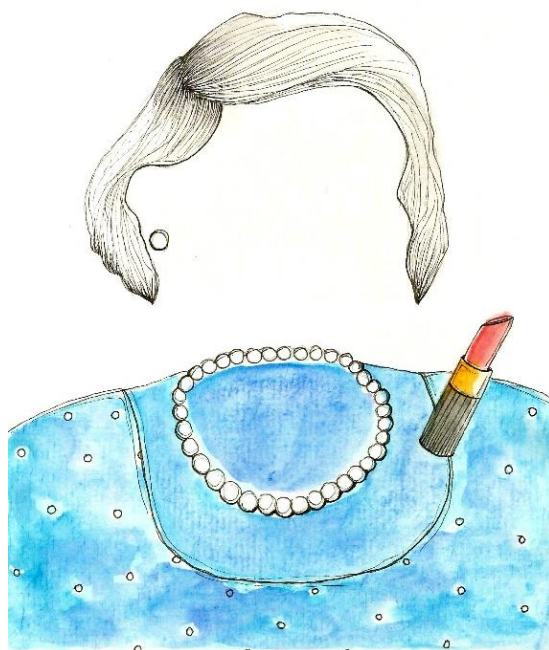
Fonte: Patrícia Yokomizo, 2016

Os locais de melhor acesso e que, conseqüentemente, vinham a ser mais frequentados pelas participantes dos dois países, eram as igrejas, os núcleos de convivência para idosos, médicos e hospitais, além da casa de parentes ou eventos. Esses espaços configuravam, então, as estruturas, não apenas físicas, mas também afetivas e simbólicas, mais preparadas para acolhimento do idoso, de acordo com as participantes.

A religião, mais do que detentora do papel de guia espiritual, era um meio para engajar-se significativamente com pessoas da mesma fé, as quais também tendiam a ter opiniões semelhantes. Nesses espaços, vigoravam regras de vestimenta e comportamento instruídos por padres, pastores e outros líderes para a participação nos centros religiosos. Foi possível visitar algumas entidades e grupos frequentados pelas participantes dos dois países.

Entre as espanholas, majoritariamente católicas, existia a roupa de missa, sempre mais especial que a da semana. Após ida a algumas igrejas católicas de distintos bairros de Madrid, notou-se que a maior parte de seus fiéis eram idosos e que estes vestiam trajes como casacos de visom e ternos, além de penteados estruturados. Segundo umas das participantes do local, o melhor que podiam fazer com sua aparência. Uma outra disse estrear roupa nova todo o ano na missa de Ramos, evento muito importante do catolicismo, como forma de demonstrar seu respeito e apreço pela ocasião – e, ainda, não destoar das demais senhoras, que iam tão arrumadas quanto (Ilustração 1).

Ilustração 1. Pérolas e batom para um dia especial



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

Na Espanha, participou-se ainda de um evento de uma comunidade católica organizado por um grupo de mulheres idosas, por convite de uma das investigadas. No dia, não foram realizados rituais da crença, mas apresentações de teatro, coral e poesia elaborados pelas frequentadoras. A participante que fez o convite explicou que esse grupo se dedicava a unir e entreter as mulheres idosas da igreja, a qual sedia o espaço para que fizessem suas reuniões e atividades com fins de gerar envolvimento e vínculo. O grupo contava com cerca de 80 mulheres e realizava encontros semanais. No dia do evento, que se tratava de uma confraternização de final de ano, encontravam-se senhoras penteadas, usando maquiagem e algumas com um pouco de salto nos sapatos. Ainda, casacos de visom, joias, perfume e muita alegria com a comemoração de mais um ano juntas.

Em complemento, no cenário da igreja, agora no Brasil, uma das participantes contou sobre os cuidados que realizava em sua aparência, seguindo igualmente orientações de padres e outros líderes religiosos quanto à participação em uma irmandade de mulheres, da qual ela tinha muito orgulho de fazer parte:

Falei: `não, eu vou mandar fazer outra blusa` (para ir à igreja). Aí eu fui lá na Santo Antônio (loja de tecidos de seu bairro) e mostrei para o moço, levei a blusa, falei: `olha, a mulher (costureira que faz as roupas da irmandade da igreja) falou que comprou esse pano aqui para fazer a blusa e está amarelo. E eu não quero se for esse pano assim`. Ele falou: `não, aqui ela não comprou, porque a gente não vende esse pano, essa qualidade de pano. Nós vendemos esse daqui. Esse não amarela. Então, ela não comprou aqui`. Aí eu comprei o pano e dei para ela (costureira) fazer. Mandei fazer duas. Porque às vezes tem qualquer coisa, né? Quem, agora tem finados. Vai ter (evento da igreja) ali agora no cemitério. Sempre vou e ainda faço coleta, dou os folhetos. É, eu adoro fazer, sabe? Eu gosto mesmo, de coração.

A mesma participante comentou, ainda, sobre mudanças feitas em seu acervo por conta do vestuário padronizado do referido grupo religioso:

“Agora esses (sapatos) de saltinho assim eu não uso não. Dei tudo embora. (Eu) tinha seis desses. Porque eu comecei na igreja, né?, tinha

que ser sapato preto de meio saltinho. Então, agora eu não posso usar daquele. Aí eu dei embora. Estava novo, novo.”

Uma outra brasileira, adepta da Testemunha de Jeová, disse que encomendava roupas na costureira especialmente para os dias e eventos da comunidade. Em entrevista, relatou que estava planejando o *look* para uma reunião que estava próxima:

“Agora, domingo nós temos a reunião. Eu estava pensando: eu vou pôr uma saia cinza, marrom, com uma blusa estampadinha. Uma estampa miudinha assim, bem bonita, que eu ganhei a blusa. Ganhei os panos. Vou pôr.”

Ainda no contexto da religião, o Painel 3 apresenta alguns símbolos do catolicismo usados por participantes do Brasil em colares.

Painel 3. Colares religiosos utilizados por participantes católicas



Fonte: Andrea Lopes, 2016

Ademais das igrejas, outros espaços que se mostraram muito significativos às participantes dos dois países foram os núcleos de convivência para idosos (NCI). Majoritariamente, as investigadas passaram a frequentar esses centros depois de algum episódio de perda de um ente querido, em especial o marido, ou por depressão e sentimento de solidão. Notou-se que, com o tempo, os NCIs se tornaram uma espécie de segunda família para essas mulheres, que foram acolhidas com muito carinho e respeito por outros frequentadores, os quais pertencem à mesma geração ou gerações próximas e

compartilham experiências semelhantes, ainda com profissionais especializados no público idoso.

A partir das atividades organizadas pelos NCIs, as participantes passaram a realizar novos investimentos em termos de aparência. Eram roupas esportivas para fazer ginástica, fantasias para eventos temáticos, trajes para confraternizações especiais de fim de ano ou outro do tipo, além de no dia a dia se prepararem para irem bem-arrumadas aos grupos de que participavam. Nesse sentido, uma das brasileiras relatou que estava há alguns dias ausente do NCI, porque não tinha pintado a raiz branca do cabelo e não queria que as colegas a vissem desse jeito, como se fosse um sinal de desleixo ou desânimo:

“Eu não fui no projeto (NCI) porque não tive tempo de arrumar o cabelo, porque eu fui operada tem 15 dias. Eu fui operada deste olho, de catarata. E eu não tenho saído, sabe? Por causa disso. Aí eu falei: ‘terça-feira eu vou, porque eu não aguento ficar mais longe. Vou lá buscar trabalho’. Eu faço tricô, crochê, bordado.”

Entre as frequentadoras dos núcleos de convivência existiam observações, cobranças e apoio com relação ao cuidado e construção da aparência. Nesse sentido, Feltrin e Velho (2016) apontam que o convívio com pessoas de mesma idade pode contribuir para a abertura no compartilhamento de experiências e informações. Estas, às vezes não são compartilhadas com pessoas de outras faixas etárias e gerações, familiares ou profissionais, os quais tendem a ter trajetórias e visões de vida distantes de sua realidade.

Uma das espanholas, que começou a participar do Centro de Los Cármenes, Madrid, depois da morte do marido, disse que foram suas amigas do grupo que a ajudaram e incentivaram a usar roupas mais alegres como forma de aos poucos superar a perda – algo que já tinha sido vivido por algumas. Assim, essas teias relacionais também utilizavam dos investimentos na aparência como forma de enfrentamento e apoio mútuo. Por essa razão, ela comentou:

“E faz muito tempo que venho (ao grupo de leitores do NCI a que frequentava). Além disso, olha, sabe que passam lista. Digo: ‘não faltei nenhum dia’. E dizem: ‘Você nunca fica doente?’ E eu: “Não, eu não”.

É que se tenho que ir à enfermeira, para controle da pressão e tudo isso, digo: 'não, na sexta-feira (dia do grupo) não posso. Marque em outro dia'.

Os NCI constituem, ainda, um lugar em que encontravam mulheres da mesma idade e geração para se inspirar quanto à aparência (Painel 4), tendo em vista que adotam o critério etário em suas composições. Muitas afirmaram que reparavam no que as demais vestiam e, quando se tratava de amigas, pediam e davam dicas. Perguntavam onde uma comprou o tênis que é bom para a aula de ginástica, indicado pelo professor, ou sobre a modelagem que ficaria bem para seu tipo de corpo. Passavam, então, a não apenas conviver, mas a ser educadas por pares etários, com os quais apontaram ter mais empatia e intimidade.

Painel 4. Espanholas, frequentadoras do mesmo NCI, que tinham em comum o uso de lenço no pescoço



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2016

No Brasil e na Espanha, inclusive, muitas participantes disseram estar mais à vontade para ser e falar de si mesmas nesses espaços que dentre sua própria família consanguínea. Explicaram que os parentes, mais jovens e distantes do contexto da velhice, especialmente avançada, por vezes não ofereciam a mesma atenção recebida pelos amigos e profissionais dos centros de convivência para idosos.

Ainda assim, a família configurava um núcleo importante da vida das investigadas. Muitas afirmaram que seus familiares eram o que tinham de mais precioso na vida. Era com eles que procuravam organizar almoços, festas de aniversário, uma ida a suas casas ao longo da semana ou mesmo chamadas telefônicas regulares. Era também através deles que dispunham de outras oportunidades de socialização e envolvimento público e coletivo, como casamentos, batizados, bodas, formaturas e demais marcos relevantes para filhos, netos, bisnetos, sobrinhos, afilhados, etc. A Ilustração 2 representa alguns dos trajes e combinações elaboradas pelas participantes para dias entendidos como especiais.

Ilustração 2. Roupas de festa



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2017

Dessa forma, os acervos da aparência das participantes estavam muito envolvidos também com sua vida familiar. Nesse sentido, disseram caprichar no visual quando iam encontrar parentes, que costumavam reparar em seus *looks*, inclusive como fonte de informação para saber como elas estavam.

De acordo com as investigadas, principalmente os filhos, estes observavam seu aspecto para notar o ânimo, disposição, vontade de se arrumar, de estar bonita, fatores que acusariam o nível de bem-estar, autoestima, alegria e positividade. Essas são características que os familiares buscavam perceber para inspirar-se em termos de modelo de velhice e ter menos preocupações com suas mães, avós ou bisavós.

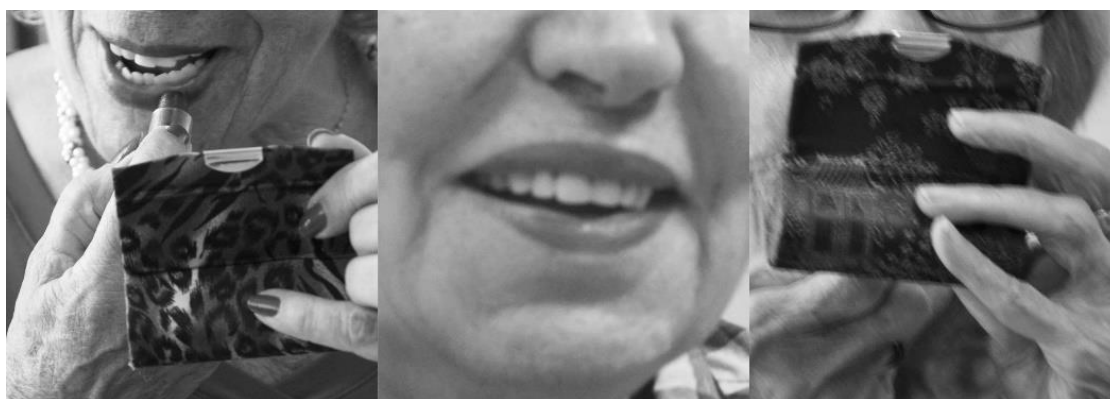
Nessa lógica relacional, as participantes procuravam, então, apresentar-se bem nos eventos da família, como forma de manter seus parentes tranquilos e seu papel de referência de boa velhice. Assim, mesmo quando se encontravam abaladas por alguma dificuldade, tentavam disfarçá-la, valendo-se de códigos de aparência mutuamente acordados, como uma aparência considerada bem-arrumada, não deixando pistas para preocupar os filhos – embora nem sempre o trato funcionasse, por ser difícil manipular a voz ou expressões que acusavam que não estava muito bem.

Em eventos especiais da família, como um casamento, planejavam meticulosamente cada detalhe de seu visual, sempre mais caprichado que o habitual, mas sem deixar de lado as ideias de decência, naturalidade e feminilidade, herdadas e construídas desde a infância. Nesses dias, se permitiam usar um pouco mais de maquiagem; colocar um colar e brinco mais vistosos ou joias; um sapato com algum salto; fazer um penteado diferente ou qualquer outro procedimento que demonstrasse sua consideração ao elaborar uma aparência que fugia um pouco de seu modelo convencional cotidiano.

Porém, as investigadas procuravam também manter parte de seu estilo nessas ocasiões. Por vezes, usavam o mesmo tipo de conjunto de blusa e calça vestidos cotidianamente, mas adaptados com tecidos mais finos e acessórios mais caprichados, exemplo compartilhado por uma das brasileiras. Havia as que mandavam fazer roupas em costureiras, com uma ideia especial tirada de uma revista de moldes, de uma celebridade ou da própria cabeça mediante seu repertório e concepção de moda. Também havia as que compravam roupas e acessórios novos. Porém, nesse caso, como se tratava de itens exclusivos para determinado evento, uma vez que entendiam e concordavam que nessas situações não ficava bem repetir *look*, esses itens deviam ser elegantes, mas não absurdamente caros. Ou seja, precisavam se alinhar a suas condições financeiras e não comprometer seu orçamento mensal.

Em geral, notou-se que eram os eventos públicos envolvendo a família, a igreja e os núcleos de convivência para idosos que conferiam às participantes oportunidades significativas de envolvimento, visibilidade, legitimação e vinculação. Nessas ocasiões, eram estabelecidas relações de ensino e aprendizagem informal que orientavam a manutenção de vínculos sociais e um rol de significados estruturantes. Era a partir dessas pessoas que as senhoras haviam obtido sentido para investir e construir a própria aparência na velhice, além de dispor de motivos para exercitar a imaginação e gosto por se arrumar (Painel 5). Houve muitas que disseram ter prazer em cuidar da aparência e se preparar para diferentes compromissos.

Painel 5. Participantes do Brasil e da Espanha fazendo uso espontâneo de batom para sessão fotográfica da pesquisa



Fonte: Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes, 2016

Nesse sentido, uma das brasileiras comentou sobre seu preparo para eventos da comunidade religiosa a que frequenta: *“Eu gosto de me vestir bem. Quando eu vou para reunião (da igreja), eu ponho saia, blusa bonita. Gosto de me vestir bem. Gosto de me maquiar”*. Acrescentou, ainda, que por vezes recebe críticas negativas em relação a sua vaidade: *“tem gente que diz que eu gosto de me aparecer. Eu digo que é ciúme. É. ‘Você gosta de se aparecer’. Eu falo: ‘e daí?’”*.

Apesar das oportunidades mencionadas de engajamento social e da função prazerosa que investir no trato da aparência desempenhava, no entanto, percebeu-se que às vezes faltavam convites, o que soava como um lamento por parte de muitas delas. Nem sempre havia casamentos, formaturas, batizados etc. Da mesma forma, nem sempre havia convite para estar com familiares e amigos fora da casa de parentes, NCI e igrejas.

Algumas comentaram o desejo de frequentar mais teatros, cinemas, cafés e demais atrações ainda incomuns em suas rotinas por falta de companhia disposta a ir com elas para outros lugares. Em outras palavras, existia uma expectativa e desejo por viver outros espaços que não os religiosos, familiares ou voltados exclusivamente ao público idoso. Exercitar menos do que queriam a construção da aparência era um dos prejuízos.

Parte das investigadas disseram que faziam mais investimentos na aparência quando eram mais jovens e tinham mais lugares para frequentar. Recebiam mais convites porque, especialmente sua condição física, era diferente: detinham de maior mobilidade.

A falta de lugares adequados para receber idosos com capacidade funcional mais reduzida, seja por sua estrutura ou atração oferecida, também havia limitado algumas participantes. Percebeu-se, então, que, quanto mais diversificadas as oportunidades de engajamento social, também mais diversificado era o guarda-roupa. Nesse sentido, a Figura 2 mostra um traje de dança do ventre de uma das idosas brasileiras. Segundo ela, tais vestes, que exibiu com orgulho, eram muito diferentes de suas roupas do dia a dia, porém, feitas e utilizadas especialmente para participar de apresentações de dança do NCI a que frequentava. A oportunidade em vestir tal peça considerada inusitada, nunca antes imaginada, mostrou-se motivadora do engajamento em outras ações do núcleo.

Figura 2. Participante brasileira com um traje que utilizava em eventos de dança do NCI a que frequentava



Fonte: Patrícia Yokomizo, 2015

No caso das solteiras, notou-se que estas detinham menor vínculo com a família do que as que foram casadas e mães. Demonstraram maior afetividade por amigos e profissionais dos NCI a que frequentavam, dispondo de menos oportunidades de envolvimento no contexto familiar. Foi possível conviver semanalmente com uma dessas participantes espanholas e notar transformações e maior entusiasmo com a aparência mediante convites da pesquisadora para cafés, almoços, caminhadas, cinema e outras atrações.

A partir das diversas visitas e programas realizados, movimentou-se parte de seu acervo especial, como casaco e luvas de couro preto, retomados depois de muito tempo para uma ida a um cinema no centro de Madrid. Também foi resgatado um casaco roxo comprido de tecido e corte nobres para um almoço de aniversário. Viu-se ainda surgir a vontade de passar *blush* no rosto para ter uma feição considerada mais alegre e o uso da única calça *jeans* que tinha, guardada e não estreada por anos, que, depois de ter sido notada e elogiada pela pesquisadora, se tornou frequente seu uso. O de um casaco de visom na ida ao cinema foi o ápice do reencontro com o acervo subutilizado.

A partir do exposto e vivenciado com as investigadas, percebeu-se, em síntese, que o envolvimento social constituía sentidos e motivações para construção da aparência, bem como esta era utilizada para manter vínculos estabelecidos ou conquistar novos. As informações sobre como compor o aspecto pessoal para o engajamento social, no caso, eram inferidas através do contato com familiares, líderes religiosos, profissionais dedicados ao público idoso e servidores do setor de beleza, seus principais relacionamentos. Ao mesmo tempo, elas emanavam modelos de velhice a seus pares e pessoas de outros segmentos etários, os quais se orgulhavam, intensificando o fluxo dos significados em torno da troca interdependente presente na relação aparência e engajamento social.

De modo geral, o ambiente público se mostrou mais relevante ao trato da aparência, uma vez que havia maior exposição, mais observadores, regras de conduta, diálogo, possibilidades de envolvimento, expectativas, punições e organização de novos papéis e experiências de vida. Engajar-se mostrou-se central às participantes das duas culturas em questão, que, ao longo de anos, vinham procurando conferir mudanças e adaptações a suas vidas por meio do estabelecimento de relações significativas, igualmente em idades avançadas. Em uma lógica de dupla mão, a aparência vinha sendo utilizada como ferramenta de acesso, permanência e sentido.

Considerações finais

Ambos os grupos apresentaram mais semelhanças do que diferenças quanto ao foco da pesquisa. Em primeiro lugar, observou-se que as participantes costumavam organizar suas aparências de acordo com ocasiões provenientes de dois tipos de ambientes: o público e o privado.

Em relação à vida pública, âmbito de maior preocupação com a aparência, constatou-se que as principais oportunidades de engajamento fora do lar e de *performance* da aparência se concentravam nos ambientes familiares – rede de maior importância segundo as investigadas – e também nas instituições religiosas e núcleos de convivência para idosos. Estes últimos, ainda, foram considerados pelas participantes de ambos os países como uma espécie de segunda família. Eram entendidos como espaços de inspiração para a aparência e de maior liberdade de expressão, uma vez que constituídos por pares da mesma geração e especialistas no público idoso. Os investimentos na aparência funcionavam como um mecanismo dinâmico de retroalimentação e fortalecimento dos vínculos da própria rede.

Em relação aos significados da aparência, notou-se que estes também se dividiam entre as ocasiões típicas e as pertencentes ao doméstico. Em casa, a aparência das participantes tinha estado relacionada ao conforto, mobilidade, sensação de privacidade e intimidade, além de conservação da autoestima e motivação, no caso da Espanha. Por outro lado, no universo público, buscavam demonstrar dignidade, respeito, afeto, consideração a pessoas e contextos e, ainda, compreensão e domínio de códigos sociais, como o de não repetir roupa em festas, dentre outros, algo comum nas duas culturas investigadas. Os significados centrais no jogo das *performances* era o recato, feminilidade, decência e naturalidade.

Apesar do grande valor conferido à família e aos núcleos de convivência, foi apontada uma falta de oportunidades de engajamento social para além destes espaços. Mesmo apresentando-se com menores recursos financeiros e um acervo mais funcional e enxuto, este acabou por ser subutilizado, o que ambos os grupos lamentavam. Notou-se que entre as participantes do Brasil e da Espanha havia o desejo de acionar e experimentar itens de seu acervo da aparência, por vezes há anos reservados e cultivados em ótimo estado, em outras ocasiões que não apenas familiares ou voltadas exclusivamente ao público idoso.

Assim, percebeu-se que existia nos dois grupos um gosto por arrumar-se, criar combinações, vestir-se e sentir-se especial, usar alguma maquiagem ou joia, fazer um penteado diferente, entre outras ações entendidas como próprias do convívio público. Tais universos cultivados no cotidiano fomentavam a expectativa por mais oportunidades e convites para sair de casa. Vale ressaltar que, além do apreço pelos parentes, amigos e profissionais dos NCI, estes costumam ser os ambientes mais frequentados também por estar mais adaptados as suas diversas necessidades, principalmente de locomoção e acomodação. O encontro etário, geracional, afetivo e simbólico também atraía e estimulava o compromisso com a permanência. Estar bem-apresentada para essa segunda família envolvia energia, tempo, disposição e propósito.

Em síntese, neste estudo observou-se uma relação de interdependência entre aparência e engajamento na vida e nos vínculos sociais, inclusive em idades avançadas e em cenários considerados de vulnerabilidade social. Para as participantes, a aparência tinha sido um meio de transmitir mensagens com vistas ao engajamento, tais como: não fazer feio; dizer a que veio; ser atrativa e respeitada; higiênica e adequada, ou seja, não provocar constrangimentos. Do mesmo modo, era a partir das oportunidades de envolvimento e das relações já estabelecidas que as investigadas procuravam investir e exercitar sua aparência, considerando a manutenção de seus vínculos. Em outras palavras, a construção contínua e satisfatória da aparência se dava através do engajamento social e seus cardápios de significados e vice-versa.

Finalmente, novas pesquisas devem ser realizadas sobre a temática, buscando ampliar a compreensão de outras variáveis e determinantes, diferenças e semelhanças, como diferentes identidades de gênero, combatendo mitos e estereótipos. Igualmente, devem estimular novos e diversificados espaços de engajamento em idades avançada. Estes, ao menos para as mulheres investigadas, mostraram consonância com a relevância e gosto por investir na aparência e em seus significados, lógica que funcionava como proteção em diferentes domínios da vida de cada uma delas.

Referências

Araújo, A. S., & Lopes, A. (2013). *Engajamento social e velhice: caracterização literária e conceitual em periódicos nacionais e bases internacionais e nacional*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia, São Paulo: Orientação Andrea Lopes.

- Caio, C. B. (2012). *Envelhecimento e aparência: a experiência de indianos imigrantes da cidade de São Paulo, Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia. São Paulo: Orientação Andrea Lopes.
- Camarano, A. (2013). IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Estatuto do Idoso: avanços com contradições*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado em 30 setembro, 2014, de: IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1840.pdf.
- Centro Internacional de Longevidade, Brasil. (2015). *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Rio de Janeiro, RJ Recuperado em 20 setembro, 2018, de: http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf.
- Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. C. Coimbra, Trad. São Paulo, SP: Editora SENAC.
- Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP.
- Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Zahar.
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Feltrin, R. B., & Velho, L. (2016). Representações do corpo feminino na menopausa: estudo etnográfico em um hospital-escola brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, 22, 148-174. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/sex/n22/1984-6487-sess-22-00148.pdf>.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Lipovetsky, G. (2009). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Companhia de Bolso.
- Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia* (4ª ed., Vol. Coleção Velhice e Sociedade). Campinas, SP: Alínea.
- Picolli, M., Lopes, A., Araújo, J., & Graeff, B. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(6), 291-312. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://pdfs.semanticscholar.org/e828/5856e509d8f8f812a31e06c2f837702652ab.pdf>.
- Pin, S., & Spini, D. (2016). Meeting the needs of the growing very old population: policy implications for a global challenge. *Journal of Aging & Social Policy*, 28(3), 218-231. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27110727>
- Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(6), 269-289. <https://revistas.pucsp.br/kairós/article/view/17307>.

Rubinho, T. d. (2014). *Engajamento social e voluntariado: um panorama dos programas intergeracionais disponíveis na internet*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia, São Paulo: Orientação: Andrea Lopes.

Scalco, L. M., & Pinheiro-Machado, R. (2010). Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica. *Revista de Antropologia, USP*, 53(1), 321-359. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012010000100009>.

Senado Federal do Brasil. (2003). Lei n.º 10.741 de 01 de outubro de 2003. *Estatuto do idoso*. Brasília, DF, Brasil.

Serviço de Proteção ao Crédito & Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas. (2016). *Significados da beleza: autoimagem e consumo*. Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) & Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL).

Silva, A. C. (2015). *Significados de aparência e o perfil socioeconômico de idosos aposentados associados ao SINDNAPI*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Graduação em Gerontologia. São Paulo, Orientação: Andrea Lopes.

Silva, E. R. (2013). Moda, informação e cultura. *Revista Iara*, 6(1), 66-89. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: Recuperado em 01setembro, 2018, de: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol6_n1_Artigo.pdf.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH-USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(7), 235-257. Recuperado em 01 setembro, 2018, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/download/15251/11377>.

Simmel, G. (2014). *Filosofia de la Moda*. España: Casimiro Libros.

World Health Organization. (2002). Health statistics and information systems. *Proposed working definition of an older person in Africa for the MDS Project*. Recuperado em 02 agosto, 2018, de: <http://www.who.int/healthinfo/survey/ageingdefnolder/en/>.

World Health Organization. (2017). *News release (19 may 2016). Life expectancy increased by 5 years since 2000, but health inequalities persist*. Recuperado em 02 agosto, 2018, de: <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2016/health-inequalities-persist/en/>

Young, A. F., Gabriel, S., & Schlager, O. M. (2014). Does this friend make me look fat? Appearance-related comparisons within women's close friendships. *Basic and Applied Social Psychology*, 36, 145-154. Recuperado em 02 agosto, 2018, de: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01973533.2014.881289?scroll=top&needAccess=true&journalCode=hbas20>.

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), todos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br